



Udo Walendy

As fotografias provam o
Extermínio dos Judeus pelo
NS?



Udo Walendy

As fotografias provam o Extermínio dos Judeus pelo NS



Libro & Moschetto

Fascista Perfetto

Sumário

I. Introdução.....	4
II. Técnicas de falsificação de fotografias e sua detecção.....	5
III. Fotografias relativas à perseguição dos judeus no Terceiro Reich.....	7
III.1. Fotografias com legendas incorretas.....	8
III.2. Fotos adulteradas.....	14
III.3. Falsificações totais.....	24
III.4. Filmes.....	26
IV. Propaganda com imagens: a Exposição Anti-Wehrmacht.....	31
V. Adendo.....	37
VI. Em vez de uma conclusão: algumas fotos menos conhecidas, mas autênticas.....	40

I. Introdução

As fotografias tiveram um papel central no arsenal com que a propaganda de guerra aliada difamou o inimigo na Primeira Guerra Mundial, como Ferdinand Avenarius demonstrou com inúmeros exemplos¹. É verdade que as técnicas de retoque eram bastante rudimentares naquela época, e as falsificações, portanto, eram fáceis de detectar para um observador crítico. No entanto, pessoas com tamanha perspicácia eram raras e, mais importante, nem sempre bem-vindas na atmosfera agitada da Primeira Guerra Mundial. Hoje, as pessoas balançam a cabeça, espantadas, ao ver que até desenhos e caricaturas de contemporâneos, feitos de modo grosseiro e facilmente reconhecíveis como tais, eram aceitos como a mais pura verdade. Mas será que temos mesmo algum motivo para uma atitude tão condescendente?

Alain Jaubert mostrou que as ditaduras, em particular, têm uma forte inclinação a manipular fotos ou produzir fotografias posadas e até completamente falsas.² Jaubert trata principalmente da autorrepresentação dos governantes por meio de fotografias retocadas e “aprimoradas” e, infelizmente, acaba dispensando o aspecto interessante da propaganda de guerra — bem como da propaganda praticada por nações democráticas, que raramente demonstram escrúpulos muito maiores nesse assunto do que as ditaduras. Sem dúvida, a Grã-Bretanha lidera esse grupo.

Um dos exemplos de Jaubert merece aqui um exame mais atento. Na página 78 de seu livro, ele reproduz uma fotografia que mostra os maus-tratos sofridos por prisioneiros de guerra ingleses na França por civis franceses durante a ocupação alemã na Segunda Guerra Mundial. Jaubert interpreta isso como uma foto encenada pelas tropas de ocupação alemãs. No entanto, não apresenta nenhuma prova para sustentar essa afirmação. Como os Aliados também lançaram ataques aéreos maciços contra cidades francesas, resultando em pesadas perdas de vidas entre a população civil,³

1 F. Venarus, *A Imagem como Difamadora*, Callwey, Munique 1916; Avenarius *A Imagem como Bobo*, ibid., 1918; cf. Walendy, *Historische Tatsachen* n° 22: “Propaganda de Guerra Aliada 1914-1919”, Verlag für Volkstum und Zeitgeschichtsforschung, Vlotho 1984, citado a seguir como HT.

2 A. Jaubert, *Fotos que mentem*, Athenäum, Frankfurt/Main 1989.

3 Cf. a introdução a A. Grosser, *Assassinato da humanidade*, hanser, Munique 1990, p. 9; levantamento detalhado sobre bombardeios aéreos aliados contra cidades não alemãs cf. M. Czesany, *A Europa na Guerra de Bombardeios*

certamente não é inconcebível que os franceses tenham descarregado certa raiva sobre prisioneiros de guerra aliados, especialmente à luz do fato de que uma parte considerável da população francesa colaborou com os alemães, em parte por oportunismo, em parte por convicção. Mas os bombardeios aliados contra alvos franceses, assim como a colaboração com os alemães durante a guerra, são tabus na sociedade francesa atual. Portanto — a fotografia mostrada por Jaubert é realmente encenada, ou sua interpretação está incorreta porque, em sua opinião, aquilo que *não deve ser* não pode ser?

II. Técnicas de falsificação de fotografias e sua detecção

Distinguimos três tipos de falsificação, como segue:

1. *Fotografias genuínas e intocadas recebem legendas falsas.* Isso não é propriamente uma falsificação das fotos *per se*, mas sim um relato falso do que é mostrado. No entanto, esse tem sido até mesmo um dos métodos mais eficazes de engano, pois, afinal, a própria foto é genuína, e a legenda enganosa muitas vezes só pode ser desmascarada se aquilo que a imagem de fato mostra puder ser comprovado por meio de fontes confiáveis. Em alguns casos, porém, detalhes em uma fotografia podem bastar para provar que o conteúdo alegado é falso — por exemplo, quando o local, as pessoas ou os objetos que aparecem na foto não podem ser conciliados com o que a legenda afirma.

2. *Fotos genuínas são alteradas em seus detalhes.* Isso envolve, em primeiro lugar, intervir apenas em seções específicas de uma foto para apagar detalhes indesejados que falseariam a mensagem que a foto pretende transmitir. Uma segunda variação envolve o acréscimo ou a inserção de uma parte genuína — alterada ou não — de uma foto em outra foto, que por sua vez também pode ser genuína ou falsa, resultando em uma alteração da mensagem geral que a foto transmite. A alteração da

parte genuína costuma limitar-se a modificar os rostos mostrados, ou a tornar irreconhecíveis partes indesejadas da foto. Até o fim da década de 1970 e o início da de 1980, isso era feito à mão, alterando ou complementando artisticamente ampliações da foto. Falsificações desse tipo costumam ser fáceis de detectar para o olho treinado, pois sombras, perspectiva e representações realistas raramente coincidem. Há casos, porém, em que essas alterações são feitas com precisão brilhante, e casos em que se torna deliberadamente difícil prová-las por meio de fotografias fora de foco da cópia alterada.

Hoje, a tecnologia avançada de computadores permite a manipulação quase ilimitada de documentos fotográficos, e as alterações já não podem mais ser comprovadas. Sistemas de computador modernos conseguem realizar manipulações perfeitas de sombras e distorções de perspectiva, bem como de cores e formas naturais em fotografias existentes que são digitalizadas para um computador. Por essa razão, qualquer imagem relacionada a temas históricos controversos e publicada pela primeira vez nos dias de hoje deve ser estritamente rejeitada como prova. Apenas a comprovação de que o material físico do negativo original correspondente ou do diapositivo data da época anterior aos computadores devolve a uma foto seu status de documento histórico.

3. *Falsificação completa.* Se uma suposta fotografia documental consiste em um desenho fotografado, ou se foi montada a partir de partes de outras fotos, isso representa uma falsificação completa. A fronteira entre fotos alteradas e falsificações completas é, por sua própria natureza, fluida. Assim como fotografias retocadas, essas falsificações podem ser desmascaradas pela detecção de incoerências no modo como as sombras são projetadas, na perspectiva, na forma e na cor, na direção, bem como pela comprovação da impossibilidade de certas combinações de pessoas, objetos e locais mostrados. Graças à tecnologia computacional moderna, as considerações expostas em 2. também se aplicam ao valor probatório de fotografias documentais recentes.

III. Fotografias relativas à perseguição dos judeus no Terceiro Reich

À luz das circunstâncias duvidosas em que testemunhos, confissões e declarações juramentadas, bem como documentos de todos os tipos que atestam a perseguição nacional-socialista aos judeus, vieram e continuam a vir à tona, e para as quais o presente volume chama a atenção repetidas vezes, será que se pode realmente presumir, sem nenhum segundo pensamento crítico, que todas as fotografias sobre a perseguição nacional-socialista aos judeus que nos foram mostradas nos últimos anos são genuínas? Ou não seria mais prudente proceder com cautela e submeter cada uma dessas fotos a um exame crítico? Na verdade, até agora houve apenas uma monografia que trata das supostas fotografias documentais da perseguição nacional-socialista aos judeus⁴. A. Jaubert não discute esse assunto, talvez porque não considere politicamente oportuno fazê-lo. G. Frey⁵ aborda esse tema, mas, em minha opinião, não lhe dá tanta atenção quanto merece. Fora esses exemplos, qualquer discussão, por parte dos historiadores do establishment, sobre a autenticidade de tais fotografias documentais ficou limitada, até recentemente, a polêmicas e a acusações criminais contra céticos e críticos, mas isso mudou em 1996/97, como veremos.

Essa era, de fato, uma situação alarmante, pois, nesta era de revistas ilustradas e televisão, as fotografias exercem uma poderosa influência pedagógica sobre as pessoas, e fotos falsificadas, portanto, têm um efeito propriamente propagandístico e até incendiário que dificilmente pode ser superestimado. Isso vale particularmente no contexto da perseguição nacional-socialista aos judeus, pois se trata de um tema ao qual a vasta maioria das pessoas hoje reage com uma espécie de resposta pavloviana,

4 U. Walendy, “*Documentos de imagem para a historiografia?*”, Verlag für Volkstum und Zeitgeschichtsforschung, Vlotho 1973; também U. Walendy, *Europa em Chamas*, v. II, ibid. 1967, apêndice documental, e U. Walendy, *The Journal of Historical Review (JHR)* 1(1) (1980) pp. 59-67 (online: vho.org/GB/Journals/JHR/11/Walendy59-67.html), a respeito de fotografias e filmes manipulados, ver também U. Walendy, “Sempre novas falsificações de imagens”, parte 1 & 2, HT 63 & 64, Verlag für Volkstum und Zeitgeschichtsforschung, Vlotho 1994/1995; S. Begl, “Opinião unitária imposta” parte 1 & 2; Vrij Historisch Onderzoek, Berchem 1997.

5 G. Frey (ed.), *Cuidado: Falsificação*, FZ-Verlag, Munique 1991, pp. 246-267.

uma consternação ritualística que torna praticamente impossível qualquer avaliação crítica das evidências apresentadas.

A seguir, algumas imagens oferecidas reiteradamente como prova de acontecimentos reais ou presumidos da perseguição nacional-socialista aos judeus serão discutidas e analisadas criticamente. Devido ao espaço limitado disponível, essa discussão não pode, de modo algum, ser abrangente, nem quanto ao número de fotos que exigem análise nem quanto ao alcance de cada análise. Uma crítica abrangente das fotografias bem conhecidas sobre esse tema, que iria além de minha obra anterior⁶, ainda precisa ser realizada.

III.1. Fotografias com legendas incorretas

Muitas vezes é difícil provar que uma fotografia mostra aquilo que a legenda afirma mostrar. Em geral, só existem testemunhos oculares como comprovação, isto é, os do fotógrafo, por um lado, e, por outro, os de pessoas que presenciaram o acontecimento e talvez apareçam na foto. O local retratado na foto ajuda a determinar o lugar e, às vezes, o momento em que a imagem foi tirada. A presença, na foto, de personalidades conhecidas cuja participação no acontecimento pode ser verificada pode contribuir muito para facilitar a identificação. Se, porém, uma foto mostra apenas pessoas cuja identidade não pode ser determinada, e se o fundo da foto não apresenta nada único ou característico que permita localizar a imagem no espaço e talvez também no tempo, então ela fica à mercê do fotógrafo e de suas declarações. Se até mesmo o fotógrafo é desconhecido, e todas as provas de que se dispõe dependem de testemunhas e de boatos, então tais fotografias são praticamente inúteis como documentos históricos, já que qualquer um é livre para fazer quaisquer afirmações inverificáveis que queira a respeito do conteúdo alegado.

⁶ Além das obras citadas anteriormente (nota 4), faz-se referência também, neste contexto, aos muitos exemplos individuais que têm sido publicados repetidas vezes nos diversos números de *Historische Tatsachen*, Verlag für Volkstum und Zeitgeschichtsforschung, Vlotho 1975-1997.

Na verdade, tanto as pessoas mostradas quanto os autores das fotos são completamente desconhecidos em todas as imagens reproduzidas a seguir. Essa é uma condição que se aplica a quase todas as chamadas fotografias relativas ao assassinato dos judeus. Na verdade, isso por si só deveria ser motivo suficiente para dispensar inteiramente os “fotodocumentos”, exceto nos casos em que todos ou a maioria dos dados sobre a foto (tirada por quem e quando) e sobre os elementos mostrados (pessoas, locais) possam ser verificados por evidências externas. Mas vejamos alguns exemplos mesmo assim.

Nossa *primeira foto* (ao lado) mostra duas cabeças encolhidas que as tropas americanas supostamente encontraram ao libertar o campo de Buchenwald. Essas e outras peças médicas foram, segundo se diz, partes dos corpos de prisioneiros mortos. Abajures, encadernações e



Ilustração 1: Cabeças encolhidas, de R. Neumann, Hitler – *Aufstieg und Untergang des Dritten Reichs*, Munique: Oldenbourg, 1961, p. 183.

marcadores de livro feitos de pele humana tatuada, bem como duas cabeças encolhidas, causaram particular comoção. Além da acusação geral de Nuremberg, eles serviram como prova principal nos julgamentos de Ilse Koch, a esposa do ex-comandante de Buchenwald. Dizia-se que ela selecionava prisioneiros vivos com base em suas tatuagens e mandava matá-los para que diversos artigos fossem fabricados a partir de sua pele.

Segundo uma declaração do general americano Clay, os supostos abajures de pele humana eram, na verdade, feitos de pele de cabra⁷. Em seu estudo detalhado sobre o assunto, A. L. Smith constatou que os objetos que a Comissão dos EUA havia identificado como sendo de pele humana desapareceram sem deixar rastro depois de serem enviados ao Tribunal

7 A. L. Smith, *Die “Hexe von Buchenwald”*, Böhlau, Colônia 1983, p. 227.

Militar Internacional (TMI) em Nuremberg⁸. Todos os objetos descobertos posteriormente eram feitos de pele animal, tecido ou papelão. Em 1973, os Arquivos Nacionais dos EUA descobriram dois livros supostamente encadernados em pele humana. Em 1982, uma análise forense desse couro camurçado leva à conclusão de que se tratava da pele de um animal de grande porte⁹.

As acusações apresentadas mais tarde contra Ilse Koch, perante o tribunal alemão, baseavam-se exclusivamente no testemunho pouco confiável das testemunhas profissionais dos julgamentos de Dachau, que Manfred Köhler já discutiu no presente volume. Em meio à atmosfera de histeria, “propaganda e sugestão de massa”¹⁰ predominante na época, Ilse Koch — que anteriormente fora condenada à prisão perpétua pelos americanos em Dachau, mas acabara sendo indultada — foi novamente condenada à prisão perpétua por um tribunal alemão, e mais tarde cometeu suicídio. As duas cabeças encolhidas que foram apresentadas como prova acabaram se revelando de origem sul-americana e traziam o número de controle de inventário de um museu antropológico alemão¹¹. Elas também desapareceram sem deixar quaisquer vestígios.

Arthur L. Smith sugere que havia um estudante de medicina da Universidade de Jena no campo de concentração de Buchenwald que escrevera sua dissertação sobre a relação entre tatuagens na pele e crime. Nesse contexto, talvez se tenha feito uso de pele tatuada, ainda assim retirada de prisioneiros que já estavam mortos¹². Como a retirada de órgãos ou tecidos de pessoas falecidas não é incomum nem repreensível quando feita para fins médicos e educacionais e com o consentimento da pessoa falecida ou de seus familiares, a questão é se, e em que contexto, a pele foi

8 *Ibid.* pp. 10, 138, 155, 164; U. Walendy, *HT* n° 43, 1990, p. 15ss.; G. Frey, *op. cit.* (nota 5), p. 200ss., 211; A. Mohr, *Der Naering*, Heitz & Höffkes, Essen 1989, p. 133s.

9 C. David Irving, “Menschenhaut”, *Vierteljahreshefte für freie Geschichtsforschung*, 3(2) (1999), pp. 214ss. (on-line: vho.org/VffG/1999/2/Irving214-216.html); inglês: on-line em fpp.co.uk/Auschwitz/documents/controversies/humanskin.

10 A. L. Smith, *op. cit.* (nota 7), p. 18.

11 Talvez elas pertencessem ao *Naturkundliches Museum* em Weimar, perto de Buchenwald, que não existe mais. Seus acervos pertencem agora, ao menos em parte, ao *Naturkundemuseum* em Gotha. Comunicação pessoal de Peter Lange. Helmut Remmers recorda, a partir da cobertura da mídia daqueles anos, que se descobriu que essas cabeças encolhidas tinham um número de inventário do *Anthropologisches Museum* de Berlin Dahlem, comunicação pessoal. Certamente vale a pena explorar os arquivos de Koch para descobrir de onde essas cabeças realmente vieram — e onde estão agora.

12 A. L. Smith, *op. cit.* (nota 7), pp. 12s.

retirada. Em todo caso, fotografias com legendas incorretas e mentiras são atribuídas aos objetos no caso de Buchenwald e em outros lugares.

Segundo Bergschicker, *ilustração 2* mostra as vítimas massacradas pelo batalhão nacionalista ucraniano *Nachtigall*, cujo oficial político supostamente era Theodor Oberländer¹³. Em seu livro *Der rote Rufmord*, Kurt Ziesel provou que essa campanha contra o então ministro federal se baseava em uma legenda falsa¹⁴. Na verdade, a foto mostra vítimas do NKVD soviético, que liquidou

inimigos do regime *em massa* antes da entrada do Exército Vermelho em 1941. Este caso não é isolado. É prática comum atribuir montes de mortos a algum culpado putativo e, como os alemães foram condicionados a aceitar com credulidade até as declarações mais extravagantes de culpa, eles são o alvo preferido. *Ilustração 3* mostra um exemplo semelhante, que foi reimpresso na edição de 21 de maio de 1945 da revista americana *Life*, entre outras.

A foto supostamente mostra trabalhadores escravizados mortos do campo de concentração de Nordhausen. Em seu comentário, a revista sugeriu que esses prisioneiros morreram de fome, excesso de trabalho e espancamentos. Na verdade, porém, M. Broszat e outros determinaram que esses



Ilustração 2: Supostamente, estas são vítimas de um massacre perpetrado pelo batalhão *Nachtigall*. De H. Bergschicker, *A Segunda Guerra Mundial*, Berlim: Deutscher Militärverlag, 1968.

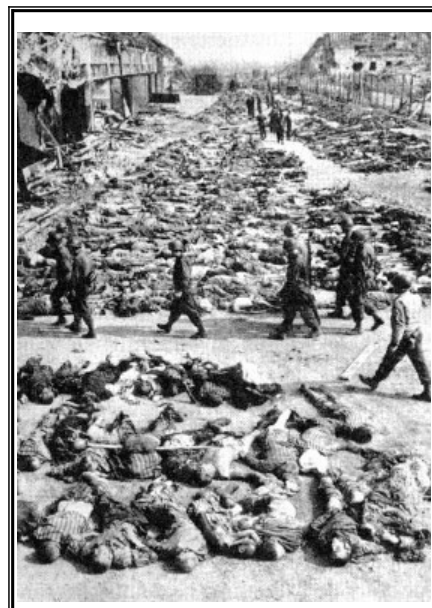


Ilustração 3:

A foto reproduzida na revista americana *Life* de 21 de maio de 1945, mostrando os “corpos de quase 3.000 trabalhadores escravos em Nordhausen”.

¹³ H. Bergschicker, *A Segunda Guerra Mundial*, Deutscher Militärverlag, Berlim (Oriental) 1964 p. 150.

¹⁴ K. Ziesel, *O assassinato de reputação vermelho*, Schlehtmeyr, Tübingen 1961, pp. 78 e segs.; cf. U. Walendy, *Documentos ilustrados* ..., *op. cit.* (nota 4), p. 3 e segs.

prisioneiros mortos do campo de concentração foram vítimas de um ataque aéreo aliado contra o campo de Nordhausen¹⁵.

Ilustração 4 (abaixo) supostamente mostra vítimas de assassinato em massa em Auschwitz¹⁶. Na verdade, os corpos são de internos que sucumbiram ao tifo no campo de concentração de Bergen-Belsen. Até hoje, não existem fotos semelhantes de Auschwitz ou de outros locais de supostos extermínios em massa. A representação deliberadamente falsa de vítimas da fome, do tifo, da escassez de suprimentos de todos os tipos e das condições anti-higiênicas nos campos do Terceiro Reich no fim da guerra provavelmente se deveu, por pura necessidade, à dolorosa falta de outras fotos reais.



Sem dúvida, as condições infernais que prevaleciam nos campos do oeste deram aos observadores ocidentais aliados desinformados a impressão de que assassinatos em massa haviam sido realizados deliberadamente nesses campos, de modo que os primeiros relatórios

15 M. Broszat, “Estudos sobre a história dos campos de concentração, Série dos Cadernos Trimestrais de História Contemporânea, nº 21, Stuttgart 1970, p. 194 e seg.; cf. U. Walendy HT nº 34, 1988, p. 37.

16 De uma edição de 1979 da *Quick*, citada conforme G. Frey, *op. cit.* (nota 5), p. 259, que não fornece uma data precisa.

aliados correspondentes talvez sejam compreensíveis. Na verdade, porém, essas condições resultaram de circunstâncias externas, como, por exemplo, a evacuação de campos próximos ao front, cujos internos foram transferidos (de maneira bastante tola) para o interior do país por ordem de Himmler¹⁷; o superpovoamento total dos campos remanescentes decorrente dessa medida, bem como o colapso das linhas de abastecimento sanitário, médico e alimentar para os campos devido ao colapso da infraestrutura do Terceiro Reich, que àquela altura estava sendo arrasada por bombardeios, se combinaram para dar origem às condições horrendas nos campos.

Norbert Frei comenta a reação dos Aliados ocidentais quando chegaram aos campos de concentração:¹⁸

“O choque diante do que descobriram não raro levou a conclusões factualmente incorretas, algumas das quais se mostrariam bastante persistentes. Paradoxalmente, elas também podiam dar origem a conclusões política e historicamente corretas.”

Por “conclusões historicamente corretas” ele provavelmente se refere àquelas alegações de extermínio em massa que foram refutadas no caso dos campos ocidentais, mas que se diz serem corretas no caso dos alegados campos de extermínio no Leste. Quanto às “conclusões politicamente [...] corretas”, estas provavelmente se referem aos efeitos desejáveis que a atribuição incorreta de legendas a tais fotos tem em termos de “educação pública”.¹⁹

O fato de que as condições, por exemplo, no campo de concentração de Dachau na verdade não eram tão ruins antes do inverno de 1944 pode ser visto no diário publicado de um ex-interno que ficou preso em Dachau de novembro de 1942 a junho de 1945.²⁰ Em contraste com isso, e de acordo com o diário publicado de um ex-soldado alemão, as condições em que soldados alemães foram aprisionados pelo Exército dos EUA em Dachau

17 Cf. A. Rückerl, *Processos NS*, C. F. Müller, Karlsruhe 1972, pp. 12 e segs.

18 Cf. N. Frei, *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* (VZ) 35 (1987) pp. 385-401, aqui p. 400.

19 Dois outros exemplos de legendas incorretas: M. Weber, “O menino do gueto de Varsóvia”, *JHR* 14(2) (1994) pp. 6 e seg.; “Legenda fotográfica imprecisa da revista *Time* difama ucranianos”, *JHR* 14(2) (1994) p. 8.

20 A. Hulot, *Diário de campo. Janeiro de 1943 – junho de 1945*, em *Dachauer Hefte*, 1(1) (1985), pp. 129-203.

depois da guerra eram muito mais severas,²¹ e desta vez deliberadamente assim, a fim de prejudicar o maior número possível de alemães.²²

III.2. Fotos adulteradas

A Foto 5a foi repetidamente apresentada como prova de deportações desumanas de judeus para guetos e campos de extermínio,²³ e também foi exibida como tal na televisão alemã.²⁴ A investigação do Arquivo Ferroviário Federal em Hamburgo, contudo, revela o que esta imagem realmente mostra. Trata-se de um trem de carga lotado de refugiados alemães com destino à região do Ruhr, parado na estação principal de Hamburgo em 1946. A foto original intocada, *illustration 5b*, está pendurada na Estação Central de Hamburgo.²⁵ Esta foto mostra, à esquerda, vagões de passageiros de dois andares a caminho de Lübeck, e à direita, parte do prédio da Estação Central. Ambos esses elementos teriam permitido que a localização da



Ilustração 5a: Fotografia retocada, legendada “transportes para guetos e campos de extermínio”, em H. Eschwege, *Marca J*, Berlim: Deutscher Verlag der Wissenschaften, 1981.

21 G. Naumann, *Derrotado e “libertado”*. Um diário atrás do arame farpado na Alemanha 1945-1947, Druffel, Leoni am Starnberger See 1984. Uma comparação dos dois livros foi compilada por I. Weckert, “Duas vezes Dachau”, *Sleipnir* 3(2) (1997), pp. 14-17 (online: vho.org/Sleipnir/RaWha_2.html). Por causa deste artigo, esse número de *Sleipnir* foi confiscado e o editor processado, cf. WG 2(1) (1998), pp. 22-36 (online: vho.org/VffG/1998/1/Toepf.html).

22 Cf. J. Bacque, *Outras perdas*, Stoddart, Toronto 1989; J. Bacque, *Crimes e misericórdias*, Little, Brown & Co., Toronto 1996.

23 H. Eschwege (ed.), *Marca “J”*, Deutscher Verlag der Wissenschaften, Berlim (Leste) 1981, 185; cf. p. 173.

24 *A morte é um mestre da Alemanha*, parte 3, maio de 1990; cf. Gaus, *Palestras sobre história contemporânea*, Grabert, Tübingen 1993, p. 144 (online: vho.org/D/vuez/v2.html).

25 Publicado como anúncio no *Hamburger Abendblatt*, 21. 1981, p. 4; cf. G. Frey, *op. cit.* (nota 5), p. 258; U. Walendy, *HT* 10. 13, 1982, p. 16.

foto fosse identificada como a Estação Central de Hamburgo, e por isso foram retocados ou recortados na versão adulterada. Isso de modo algum quer dizer que não houve deportações de judeus para guetos ou campos de concentração, e também não pretende sugerir que esses transportes tenham ocorrido apenas em trens de passageiros confortáveis, embora isso certamente tenha acontecido, especialmente no estágio inicial das deportações e sobretudo no que diz respeito aos transportes vindos da Europa ocidental.²⁶ A exposição dessa falsificação serve apenas para instar uma abordagem mais cética em relação a supostas fotografias documentais.



Ilustração 5b: A foto original da Administração Ferroviária Federal. Sua legenda: “Trens de carga cheios de refugiados, 1946. Trem de carga lotado com destino à região do Ruhr Ao fundo, trem de dois andares para Lübeck.”

Ilustração 6 (página seguinte) supostamente mostra uma pira com judeus mortos pelos alemães no campo estoniano de Klooga.²⁷ O que chama a atenção aqui, em primeiro lugar, é que alguns dos corpos empilhados entre as vigas de madeira estão usando seus chapéus (no alto à esquerda). Isso só seria possível se os capangas nazistas tivessem colado os bonés nas cabeças desses cadáveres — ou se as pessoas deitadas ali não

estivessem mortas de modo algum e tivessem colocado seus bonés por conta própria depois de assumirem a posição mostrada. A segunda possibilidade é corroborada pelo fato de que as pessoas retratadas nesta foto não mostram nem o menor sinal de rigor mortis: seus membros estão perfeitamente ajustados à nova posição na pira; veja, por exemplo, os braços do homem na parte inferior esquerda, ou o braço do homem no alto à direita. Na verdade, o que temos aqui não é apenas uma foto com legenda incorreta, mas uma que provavelmente também foi recortada.

²⁶ Alguns dos relatos de testemunhas oculares mais conhecidos referentes aos confortáveis trens de passageiros para judeus deportados a caminho dos campos do leste podem ser vistos no filme de documentação de C. Lanzmann, *Shoah*.

²⁷ Baixado de www.nizkor.org/ftp.cgi/orgs/german/einsatzgruppen/images/eg-06.jpg; fonte indicada: George St. George, *A estrada para Babi-Yar*, Spearman, Londres 1967, p. 64f.



Ilustração 6: Supostos cadáveres de judeus assassinados a serem queimados em uma pira.²⁷

Mais para o lado, uma foto da mesma cena, mas de uma perspectiva diferente, mostra pessoas em uniformes soviéticos, e seus sorrisos presunçosos diante desta cena encenada são claramente visíveis. Existem pelo menos sete fotos diferentes desta cena, todas mostrando homens de chapéu, mas sem nenhum sinal de rigor mortis, como J. Kuras demonstrou.²⁸ *Grupo de ilustrações 7* realmente dispensa comentários adicionais.²⁹ Dependendo da versão que se observa, alega-se que ela mostra o judeu de Munique Dr. S(p)iegel (ou, alternativamente, A. Schwartz), que pediu proteção à polícia em 1938, mas em vez disso recebeu um cartaz, foi privado de sapatos, meias e calças, e desfilado pelo centro da cidade. Outras fontes afirmam que esta é uma cena da chamada Reichskristelnacht, isto é, da noite de 9 de novembro de 1938 (desde quando há



Grupo de Ilustrações 7: três exemplos de uma ampla variação.

28 J. Kuras, “Imagens soviéticas encenadas de piras funerárias”, *VffG* 3(3) (1999) (online: vho.org/VffG/1999/3/Kuras.html).

29 Para ainda mais versões desta foto e as muitas fontes individuais, cf. U. Walendy, *Imagem-“Documentos”...*, op. cit. (nota 4), p. 68; U. Walendy, *HT* n.º 34, 1988, pp. 38 e segs.; U. Walendy, *HT* n.º 38, 1989, pp. 1 e segs.

plena luz do dia à noite?). Como agressões violentas contra judeus quase nunca ocorreram antes da chamada Reichskristallnacht — mesmo que a propaganda Aliada sugerisse isso³⁰ —, as alegações de uma origem desta imagem anterior a essa data parecem bastante improváveis. Apesar de pesquisas intensivas, ainda não foi possível descobrir a identidade desse homem. Foi determinado que, em 1979, um judeu conhecido como Dr. Michael Siegel, portador da *Bundesverdienstkreuz* (a Ordem do Mérito da República Federal da Alemanha), faleceu em sua casa no Peru, mas até hoje ninguém conseguiu apresentar ao público uma foto dele.³¹

As fotos nas quais a imagem se baseia foram obviamente muito retocadas, o que é revelado não apenas pelo texto constantemente alterado no cartaz, mas também pela metade inferior surrealista e fora de foco do Sr. S(p)iegel/Schwartz.

Ilustração 8 é uma caricatura interessante que se parece de maneira surpreendente com o *grupo de ilustrações 7*; ela já havia sido publicada em 1935, mas não se afirmou que fosse baseada em uma fotografia real.³² As fotos mostradas no *grupo de ilustrações 7*, por outro lado, foram publicadas uma após a outra depois da guerra. Isso levanta a interessante questão: o que veio primeiro, a caricatura ou a foto? Poderia ela ser uma falsificação completa? Motivos suficientes para especulação.



Ilustração 8: caricatura da obra francesa *Israel, lembra-te! Pense nisso, Israel, Israel, lembre-se disso*, ed. por E. Varlin e publicada em Paris em 1935.

30 O historiador alemão A. Schickel publicou um excelente artigo sobre a histeria e a falsa propaganda da mídia ocidental nos primeiros anos do governo NS na Alemanha: “Notas sobre a época”, em Freiheitliche Akademie der FPÖ (ed.), *Liberdade e responsabilidade*, anuário, publ. pelo ed., Viena 1995; cf. “Os judeus sob os nazistas: percepção pública e realidade”, em Anglo-Hebrew Publishing (ed.), *Negação do Holocausto: nova mentira nazista ou nova inquisição?*, InfoText, 93c Venn Road, Sydenham, Londres SE26 5HU, s.d., pp. 1-22.

31 U. Walendy, *HT* n.º 38, pp. 1 e segs.

32 E. Varlin, *Israel, lembra-te! Pense nisso, Israel! Israel, lembre-se disso!*, E. Varlin Edition, Paris 1935; cf. U. Walendy, *HT* n.º 34, 1988, p. 38.

De acordo com a revista *Spiegel*, as *ilustrações 9a e b* mostram um guarda de campo de concentração com vítimas em Buchenwald. Diz-se que os prisioneiros estão com as mãos amarradas atrás das árvores.³³ Enquanto a *ilustração 9a* parece uma foto à primeira vista, o contraste intenso e a natureza irregular e achatada de muitas partes da *ilustração 9b* tornam provável que se trate de um desenho. Observe, por exemplo, o cinto e a pistola do homem da SS, seu colarinho e suas botas, ou as sombras da jaqueta do prisioneiro deitado no chão, e note especialmente a borda do rosto notavelmente disforme do homem da SS: ela tem uma linha preta que deve ter sido desenhada.

Só posso recomendar a todos que tentem isso por si mesmos: vão a uma academia, pendurem-se em um espaldar com os braços para cima e para trás, e mantenham as pernas dobradas. Eu os parabeno por seus músculos abdominais bem tonificados se conseguirem sustentar isso por mais de um minuto. Incidentalmente, o fio com o qual os supostos internos estão amarrados às árvores parece ser espantosamente forte. Não pode ser corda; cordas seriam grossas o bastante para serem visíveis em uma foto. Assim, isso pareceria ser uma fotomontagem, se não uma falsificação completa, isto é, uma pintura. Por fim, uma autoridade oficial alemã admitiu em 1996 que essas imagens foram feitas por uma ex-produtora cinematográfica da Alemanha Oriental, isto é, comunista, a *DEFA*, em 1958.³⁴

33 *Der Spiegel* n.º 40, 10 de out. de 1966, p. 101; cf. H. Eschwege, *op. cit.* (nota 23), p. 266.

34 W. Ayß, D. Krause-Vilmar, “Com argumentos contra a negação do Holocausto”, em *Polis, série de publicações da Central Estadual Hessiana de Educação Política*, Wiesbaden 1996, p. 22 e seg.; referindo-se a H. Obenaus, “A foto do enforcamento na árvore – uma imagem dá a volta ao mundo”, em *Stiftung Topographie des Terrors Berlin* (ed.), *Boletim dos memoriais* n.º 68, Berlim, outubro de 1995, pp. 3-8.



Ilustração 9 (a,b): A foto à esquerda foi publicada na revista de notícias Spiegel 42/1966 com a legenda, “Sistema escravista perfeito no Estado da SS”; à direita vemos uma variação sobre este tema, legendada “sadistas da SS ‘prescrevem’ enforcamento em árvore”, reproduzida em H. Eschwege, op. cit. (Nota 23), p. 266.

No início de 1994, as ilustrações 10 (a, b, c) assumiram significado moderno na Alemanha, quando uma garota em Halle desenhou uma suástica em si mesma e passou a conduzir a mídia, os promotores públicos e toda a camarilha esquerdista da culpa alemã pelo nariz, no processo dando origem a manifestações em massa contra “os radicais de direita”.³⁵

Sua ideia de culpar direitistas por crimes (inventados) não tinha nada de novo, como se pode ver pelos desenhos de estrelas de Davi na cabeça e na testa dos três meninos anônimos fotografados aqui diante de um fundo completamente neutro.³⁶ Fotomontagem ou pintura?

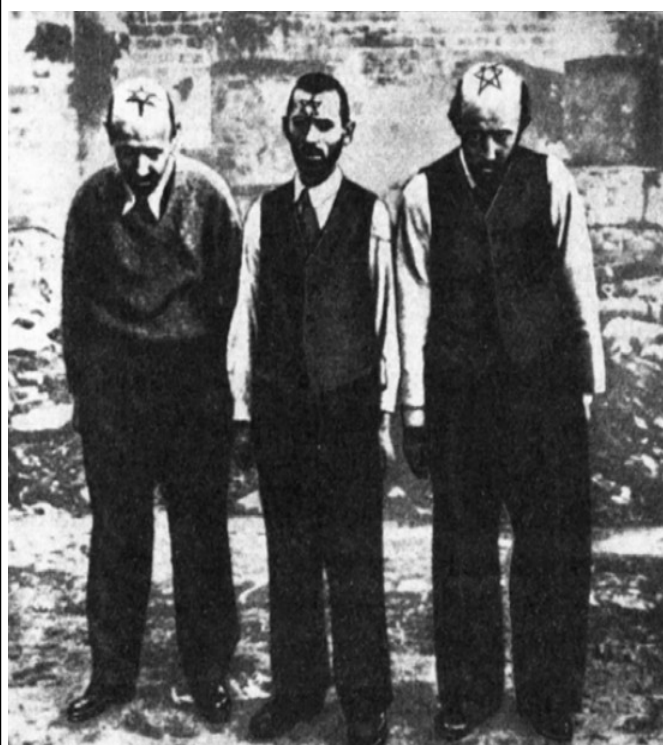


Ilustração 10 (a): Legendada “homens da SS cortam estrelas na pele de judeus”, esta imagem apareceu em *Faschismus, Getto, Massenmord*, publ. em Frankfurt/Main pelo Instituto Histórico Judaico de Varsóvia, 1960, p. 42.

³⁵ Cf. *Welt am Sonntag*, 16 de jan. de 1994, p. 1.

³⁶ Il. a): R. Naumann, *Hitler – ascensão e queda do Terceiro Reich*, Desch, Munique 1961, p. 151; Il. b): Instituto Histórico Judaico de Varsóvia [Jewish Historical Institute of Warsaw], *Faschismus, gueto, assassinato em massa*, Röderberg, Frankfurt/Main 1960, p. 42; R. Neumann, N. Kopel, *A história pictórica do Terceiro Reich*, Bantam Books, Nova York 1962, p. 148; Il. c): T. Kotarbinski, *Martírio, luta, extermínio dos judeus na Polônia 1939-1945*, Varsóvia 1960, Figura n.º 38; cf. U. Walendy, *Imagem-“Documentos”...*, op. cit. (nota 4), pp. 28 e seg.



Ilustração 10 (b,c): esquerda: detalhe, publicado em R. Neumann, *Hitler – ascensão e queda do Terceiro Reich* (op. cit. Nota 36); observe que as “estrelas” se moveram; direita: a mesma imagem conforme mostrada em T. Kotarbinski, *Martírio, luta...*, op. cit. (Nota 36).



Ilustração 11: de R. Schnabel, *Poder sem moral*, Mauthausen.

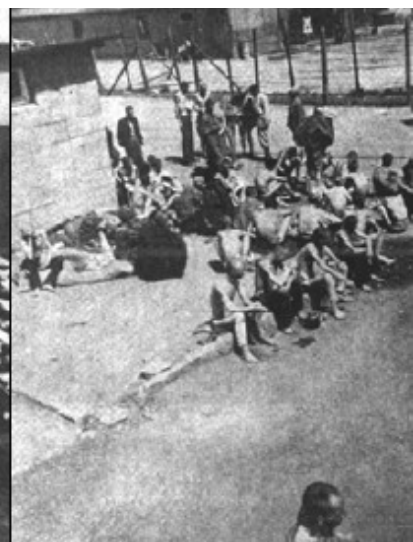


Ilustração 12: de V. Berdych, Mauthausen.

Segundo R. Schnabel, a *ilustração 11* mostra internos vivos sentados perto de mortos no campo de concentração de Mauthausen.³⁷ A *ilustração 12* é uma foto genuína, uma parte da qual é muito semelhante a parte da *ilustração 11*. Ela mostra internos doentes tomando sol em uma área russa do campo de concentração de Mauthausen.³⁸ Os internos mostrados correspondem quase perfeitamente. O que é digno de nota na *ilustração 11* é, antes de tudo, a falta de foco em comparação com o original, o que torna difícil detectar qualquer falsificação. Além disso, fica claro que os barracões ao fundo à esquerda foram completamente desenhados, assim como toda a parte direita da imagem foi acrescentada. Os barracões à direita têm uma janela torta, e sua sombra se estende na direção errada.

37 R. Schnabel, *Poder sem moral*, Röderberg, Frankfurt/Main 1957, p. 32.

38 V. Berdych, *Mauthausen*, Nase Vojsko, Praga 1959, Apêndice fotográfico n.º 50; cf. U. Walendy, *Imagem-“Documentos”...*, op. cit. (nota 4), pp. 36 e seg.

A *ilustração 13* supostamente mostra a execução ao ar livre de vítimas de gaseamento em massa no crematório V em Birkenau, fotografada de uma janela do crematório V.³⁹ E, de fato, a cerca ao fundo e a floresta mais além correspondem aproximadamente ao local tal como era naquela época. Uma das fotos aéreas disponíveis hoje também mostra alguns vestígios de fumaça no local em questão.⁴⁰ Assim, é possível que



Ilustração 13: Mostrado como Documento 57 por Pressac, também na edição alemã *Die Krematorien von Auschwitz*, Munique: Piper, 1994.

esta imagem se baseie em uma foto genuína. Alguns detalhes da *ilustração 13*, contudo, dão motivos para suspeita. Há, por exemplo, a figura de pé ao fundo, à esquerda, parecendo pouco mais do que um contorno e apoiada em uma vara. Como todas as outras figuras nesta imagem estão intensamente iluminadas pelo sol, essa figura inexplicavelmente escura e sem forma não se encaixa. As formas dos supostos cadáveres também são estranhas, especialmente as ampliadas na *ilustração 14*. Presumivelmente, portanto, a “verdade” desejada recebeu aqui um impulso com o acréscimo de corpos e trabalhadores, para transformar uma foto real em uma cena de cremação. Mas mesmo que a imagem fosse genuína: o que ela mostra? Os corpos exibidos são de vítimas de gaseamento ou de uma epidemia de tifo? De todo modo, o fato de a fumaça se arrastar rente ao chão mostra que não

39 Federação Internacional de Combatentes da Resistência (ed.), *Os carrascos da SS e suas vítimas*, publ. própria, Viena 1965, p. 17; J-C. Pressac, *Auschwitz: técnica e operação das câmaras de gás*, Fundação Beate Klarsfeld, Nova York 1989, pp. 422, 424; J-C. Pressac, *Os crematórios de Auschwitz, a maquinaria do assassinato em massa*, Éditions du CNRS, Paris 1993, Doc. 57; G. Schoenberger, *A estrela amarela*, Rütten und Loening, Hamburgo 1960, p. 162.

40 Foto de 31 de maio de 1944, Ref. n.º G 373 Can D 1508, exp. 3055.

há altura para uma pira, e as fotos aéreas não mostram fossas.⁴¹ Assim, pode ser que esta foto simplesmente mostre a queima das roupas infestadas de piolhos de internos que morreram de tifo.

Grupo de ilustrações 15 (a, b, c; página seguinte) supostamente documenta a execução de judeus poloneses à beira de uma cova aberta.⁴² Às vezes, o soldado que atira está usando óculos, às vezes não; às vezes sua gola pode ter bordas brancas grossas, às vezes não. Especialmente na *ilustração 15c*, ele parece ter sido recortado e colado. Há contornos brancos ao redor de seu uniforme, e ele não tem sombra. Os homens na transição para o fundo também parecem recortados e colados. Tente fazer as pernas corresponderem aos corpos! Isto é, na melhor das hipóteses, uma fotomontagem



Ilustração 14: Uma ampliação da ilustração 13, em G. Schoenberger, *op. cit.* (Nota 39), p. 162. O braço esquerdo do homem que passa por cima dos supostos corpos é longo demais e parece ter dois cotovelos. Além disso, os corpos deitados no chão não estão apenas em foco muito ruim, mas também são anatomicamente impossíveis.

e, definitivamente, ao menos uma falsificação com trechos desenhados. Mais uma vez, isso não prova que os alemães não tenham fuzilado pessoas, especialmente guerrilheiros, depois de condenados à morte, e as enterrado em valas comuns. Isso certamente aconteceu e foi documentado pelos próprios alemães, uma vez que isso não era ilegal nem incomum em tempos de guerra.

41 Cf. a contribuição de J. C. Ball neste volume.

42 Il. a): R. Schnabel, *op. cit.* (nota 37), p. 397; Il. b): H.-A Jacobsen e H. Dollinger (eds.), *A Segunda Guerra Mundial em imagens e documentos*, vol. I, Desch, Munique 1952, p. 100; *Der Spiegel* n.º 51/1966, p. 86; Il. c): M. Dor, R. Federmann, *O rosto do nosso século*, Econ, Düsseldorf 1960, p. 168; cf. U. Walendy, *Imagem-“Documentos”...*, *op. cit.* (nota 4), pp. 40 e segs.



Grupo de ilustrações 15: Presumivelmente mostrando a execução de um judeu polonês diante de uma vala comum aberta.



Ilustração 16a: De history1900s.about.com/education/history1900s/library/holocaust/bleinsatz.htm.



Ilustração 16b: de: Instituto Histórico Judaico de Varsóvia, *Faschismus – Getto – Massenmord* (p. 334), legendada: “Mulheres com crianças pouco antes da execução.”



Ilustração 16c: de: S. Einstein, *Eichmann – Chefbuchhalter des Todes*, Frankfurt/Main, 1961 p. 202.



Grupo de ilustrações 17: à esquerda, de G. Schoenberner, *A estrela amarela*, legendada “Execução em massa em Liepaja”; à direita, de S. Einstein, *Eichmann – Contador-chefe da morte*.

III.3. Falsificações totais

Grupo de ilustrações 16 (página anterior) supostamente mostra internos nus enfileirados do lado de fora das câmaras de gás de Treblinka.⁴³ Da *ilustração 16a* à *16c*, a qualidade cai drasticamente devido ao aumento dos retoques, supondo que essas imagens sejam baseadas em uma foto. Nem o fotógrafo nem o local estão documentados, e continua sendo um mistério como alguém poderia afirmar que isto é uma execução. Poderia muito bem ser que a *ilustração 16c* fosse a imagem original, isto é, um

⁴³ Il. a): retirada da internet: history1900s.about.com/education/history1900s/library/holocaust/bleinsatz6.htm. G. Schoenberner a reproduz em qualidade ligeiramente pior, *op. cit.* (nota 39), p. 163, com a legenda: “O fotógrafo destas mulheres entrando na câmara de gás com seus filhos nos braços é desconhecido”; Il. b): Jüdisches Historisches Institut Warsaw (ed.), *op. cit.* (nota 36), p. 334; Il. c): S. Einstein, *Eichmann – Contador-chefe da morte*, Röderberg, Frankfurt/Main 1961, p. 202; A. Donat (ed.), *O campo de extermínio de Treblinka*, Holocaust Library, Nova York 1979, p. 260 e seg.; cf. U. Walendy, *Imagem-“Documentos”* ..., *op. cit.* (nota 4), pp. 14 e segs.

desenho ou montagem, e que as outras tenham sido adaptadas a partir dela por meio do refinamento dessa pintura.

O mesmo vale para o *Grupo 17*, que supostamente mostra internos nus antes de uma execução em massa na Letônia. Fala por si só o fato de existirem várias versões dessas imagens.⁴⁴ A da esquerda, especialmente, não pode ser chamada de foto. Na melhor das hipóteses, é uma pintura baseada em uma foto. Compare as mulheres ao fundo, que parecem ter sido desenhadas.

Grupo de ilustrações 18 (página seguinte) supostamente mostra montanhas de sapatos recolhidos de internos assassinados em Auschwitz — ou em Majdanek, dependendo da versão escolhida.⁴⁵ O fundo desfocado e a aparência irrealista, semelhante a desenho, dos sapatos nessas imagens (especialmente na versão da direita), que são iguais quanto aos sapatos mostrados, mas muito diferentes em todos os outros aspectos, mais uma vez sugerem que isto não passa de um desenho.

Ao público são frequentemente mostrados montes de sapatos, óculos, pincéis de barbear, alianças ou artefatos semelhantes como prova do extermínio dos judeus. De um ponto de vista lógico, essa prova é praticamente tão conclusiva quanto a alegação de que as grandes pilhas de



Grupo de ilustrações 18: à esquerda, de R. Schnabel, *Poder sem moral*, legendada: “Milhares de sapatos de detentos assassinados em Auschwitz”; à direita, de C. Simonov, *O campo de extermínio de Lublin*.

44 Il. a): S. Einstein, *op. cit.* (nota 43), p. 200; Il. b): *Der Spiegel* n.º 53/1966, p. 48; G. Schoenberger, *op. cit.* (nota 39), p. 97; cf. U. Walendy, *Imagem-“Documentos”...*, *op. cit.* (nota 4), pp. 18 e segs.

45 Il. a): R. Schnabel, *op. cit.* (nota 37), p. 244; Il. b): C. Simonov, *O campo de extermínio de Lublin*, Foreign Languages Publication House, Moscou 1944, p. 12; cf. U. Walendy, *Imagem-“Documentos”...*, *op. cit.* (nota 4), pp. 70 e seg.

roupas usadas recolhidas na Alemanha todos os anos, por exemplo pela Cruz Vermelha, provam que a Cruz Vermelha extermina o povo alemão enquanto recolhe as roupas. Na verdade, parece ter sido amplamente esquecido hoje que, devido à escassez crônica de matérias-primas, praticamente tudo era recolhido e reciclado sob o Terceiro Reich, especialmente durante a guerra. O que impede dizer, portanto, que uma eventual foto genuína talvez simplesmente mostre os resultados de tais campanhas de coleta?⁴⁶ Nem sequer está fora de questão que tais itens tenham sido recolhidos pelos Aliados justamente para fins desse tipo de foto de propaganda.⁴⁷

III.4. Filmes

Pouco depois do fim da guerra, os americanos exibiram esse filme (*Todesmühlen*) à população civil alemã, bem como aos muitos milhares de prisioneiros de guerra alemães. Ele supostamente mostrava as atrocidades cometidas nos campos de concentração e destinava-se a iniciar a reeducação do povo alemão. A autenticidade do filme de modo algum passou incontestada. B. S. Chamberlin, por exemplo, relata distúrbios ocasionais durante as exibições, mas os protestos foram cortados pela raiz, às vezes de forma violenta, pelo restante profundamente afetado da plateia.⁴⁸ Segundo relatos contemporâneos, o que provocou a crítica foi o fato de que as fotos e cenas de filme, provavelmente autênticas, das condições predominantes nos campos de concentração alemães no fim da guerra foram complementadas com cenas mostrando montanhas de alemães mortos das cidades alemãs bombardeadas e internos alemães emagrecidos nos campos de “prisão automática” — os quais, no entanto, foram apresentados pelos vencedores como vítimas dos campos de concentração alemães.⁴⁹

46 Cf. U. Walendy, *HT* n.º 31, 1987, p. 33.

47 E. Gauss, *op. cit.* (nota 24), p. 21, postula que os sapatos exibidos no Museu de Auschwitz não haviam pertencido a detentos, mas às pessoas que viviam nas proximidades, que eram os proprietários do VW.

48 B. S. Chamberlin, “*Todesmühlen. Ein Versuch zur Massen-‘Umerziehung’ im besetzten Deutschland 1945-1946*”, *VfZ* 29 (1981) pp. 420-436, aqui p. 432.

49 Egon F.C. Harder, um veterano de guerra alemão, contou a Germar Rudolf sobre o Unfentale, nenhum relato testemunhal escrito sobre isso chegou ao nosso conhecimento até agora. *Die Unabhängigen Nachrichten* n.º 11 (1986), p. 11, informa que os Aliados haviam incorporado fotos alemãs dos grandes montes de cadáveres resultantes do bombardeio terrorista aliado de Dresden em seu filme *Todesmühlen*, apresentando essas imagens

Como Chamberlin relata que as Autoridades de Ocupação tiveram dificuldade em encontrar material suficiente para montar o filme,⁵⁰ não é de modo algum inconcebível que esse tenha sido o último recurso. Infelizmente, essas acusações nunca foram registradas por escrito nem documentadas, de modo que hoje é, inevitavelmente, difícil investigar a questão, particularmente porque a única geração de testemunhas está gradualmente desaparecendo.

Uma falsificação completa de um filme, que desde então foi comprovada como tal, foi exibida pelos americanos durante os julgamentos do TMI. Era o registro cinematográfico da suposta descoberta de dentes de ouro de judeus assassinados no Reichsbank, em Frankfurt.⁵¹ Durante o julgamento e no curso das investigações posteriores, contudo, ficou demonstrado que os americanos haviam encenado essa cena do começo ao fim.⁵² De onde vieram as supostas obturações de ouro e para onde foram é um mistério tão grande quanto o destino das peles humanas supostamente descobertas no campo de concentração de Buchenwald.

Uma questão mais complicada, por outro lado, é a do filme que os americanos também exibiram durante os julgamentos do TMI e que, como *Todesmühlen*, também se alegava mostrar as supostas atrocidades nos



Ilustração 19: Cena do filme A lista de Schindler.

campos de concentração. Além de apresentar a falsa alegação de que internos foram gaseados nos chuveiros de Dachau, esse filme também mostrava as infames cabeças encolhidas e os supostos artefatos feitos de pele humana, bem como muitos internos que haviam morrido de desnutrição e tifo; o comentário do filme, contudo, era enganoso.

como prova do assassinato em massa nos campos de concentração.

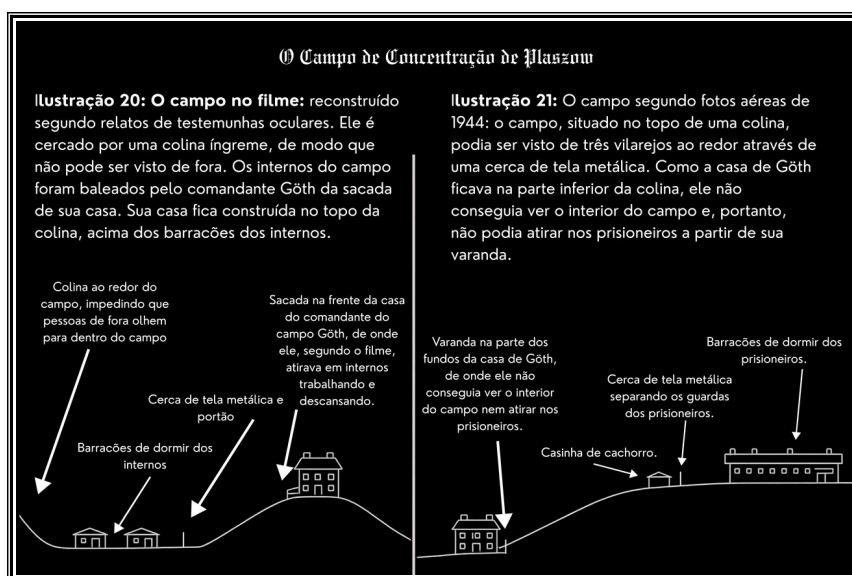
50 B. Chamberlin, *op. cit.* (nota 48), p. 425 e seg.

51 Tribunal Militar Internacional, *Julgamento dos principais criminosos de guerra*, TMI, Nuremberg 1947, vol. XIII, pp. 169 e segs.

52 Cf. H. Springer, *A espada na balança*, Vowinckel, Heidelberg 1953, pp. 178 e seg.; Kleist, *Ascensão e queda do Terceiro Reich*, Schütz, Göttingen 1968, p. 346; U. Walendy, *HT* n.º 43, 1990, pp. 12 e segs.

O filme que os soviéticos fizeram sobre a libertação do campo de Auschwitz não foi lançado até meados da década de 1980 e é generosamente salpicado de cenas falsas. Por exemplo, o filme mostra a cabeça de um interno cujo torso teria sido queimado em uma pira, enquanto a cabeça encara a câmera, com os olhos cheios de horror. Se o torso tivesse realmente sido consumido pelo fogo, a cabeça de modo algum poderia ter conservado sua cabeleira intacta, e os olhos teriam ao menos ficado opacos, se não estourado, por causa do calor.

O que me parece estranho neste contexto é que nenhum filme soviético sobre supostas atrocidades cometidas pelos americanos na Coreia ou no Vietnã seria aceito no Ocidente sem uma análise prévia, minuciosa e crítica; no entanto, este filme e outros semelhantes, que incriminam o Terceiro Reich, são usados sem quaisquer ressalvas em material didático nas escolas ocidentais.⁵³ Longas-metragens como *Holocausto*, *Shoah* e *A Lista de Schindler* pertencem a uma categoria completamente diferente. Naturalmente, não possuem valor probatório algum, mas seu impacto psicológico sobre as massas é imenso e poderoso. Embora a avaliação dos historiadores do establishment sobre o filme *Holocausto* — a saber, que ele é factualmente insustentável — se aplique igualmente aos outros filmes, ainda assim eles foram recebidos com gratidão pelo efeito positivo que têm sobre “educação pública e direcionamento de opinião”.⁵⁴



53 A respeito de “Holocausto”: T. Ernst, *Aus Politik und Zeitgeschichte* 31(34) (1981) pp. 3-22, e P. Malina, *Zeitgeschichte* (ZG) (Viena) 7(1979/80) pp. 169-191; a respeito de “Shoah” cf. Batz, ZG 14 (1986/87) pp. 259-265; R. Faurisson, *JHR* 8(1) (1988) pp. 85-92 (online: vho.org/GB/Journals/JHR/8/1/Faurisson85-92.html).

54 Cf. H. Broszat, *VfZ* 27 (1979) pp. 285-298; P. Dusek, ZG 6 (1978/79) pp. 266-273.

Ilustração 19 deve bastar para demonstrar a natureza historicamente inaceitável de filmes desse tipo. *A Lista de Schindler* mostra uma cena em que o comandante do campo, Göth, de pé na sacada de sua casa, dispara aleatoriamente contra os internos do Campo de Plaszow. Fotografias aéreas da época, porém, revelam que a casa do comandante ficava ao pé de uma colina, enquanto o próprio campo estava no topo daquela colina (*ilustração 21*).⁵⁵ A cena mostrada no filme, que teria exigido uma configuração de casa e campo como a apresentada na *ilustração 20*, era, portanto, impossível, ainda que apenas por razões geográficas. E isso certamente não é uma falsificação exclusiva de Steven Spielberg.

A Lista de Schindler, que se baseia em um romance que remonta a acontecimentos históricos,⁵⁶ foi deliberadamente filmado em preto e branco e com um trabalho de câmera instável para transmitir ao público a falsa impressão de que o filme é um documentário; colaboradores do filme admitiram isso livremente.⁵⁷ Isso mostra claramente as intenções dos realizadores do filme e daqueles que levam turmas inteiras de escolas para ver esse filme, não só na Alemanha e na Áustria. O que é particularmente

55 De fotografias aéreas, National Archives, Washington DC, nos.: DT RL 751, Cracóvia, 3 de maio de 1944; TuGx 895 A SK, exp. 382f., 4 de outubro de 1944; J. C. Ball, *A Lista de Schindler – Exposta como Mentiras e Ódio*, Samisdat Publishers, Toronto, 1994.

56 T. Keneally, *A Arca de Schindler*, Hodder & Stoughton, Londres, 1982; simultaneamente: *A Lista de Schindler*, Simon & Schuster, Nova York, 1982. Keneally afirma que passou dois anos pesquisando sobre sobreviventes judeus no mundo todo. Interessante em relação à primeira impressão da segunda edição, publicada em 1993, é uma passagem na página: “Este livro é uma obra de ficção. Nomes, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com acontecimentos ou locais reais, ou pessoas, vivas ou mortas, é inteiramente coincidental.” A Library of Congress Cataloging-in-Publication Data registrou este livro como “ficção” (a impressão data de 7 10 86 e 5 7 9 10 8 6). Enquanto nas reimpressões deste segundo exemplar de 1993 esses espaços foram substituídos por trechos de texto original, mais tarde até mesmo essas linhas vazias foram apagadas: código 13 15 17 19 20 18 16 14 12), obviamente levou um pouco mais de tempo, até mesmo a “informação de catalogação” (ficção) foi removida do livro (código 15 17 19 20 18 16). Em vista do alvoroço em torno do filme de Steven Spielberg, aparentemente já não era oportuno categorizar o livro de Keneally como ficção, baseando-se apenas em uma história verdadeira. Mas deve-se ter em mente que esta passagem citada acima talvez tenha sido removida por motivos jurídicos e de propriedade autoral, e não para fins de deturpação. No início do novo romance de Thomas Keneally intitulado *Rumo a Asmara*, podemos ler: “Thomas Keneally começou a escrever em 1964. Seus romances incluem [...] A ARCA DE SCHINDLER (que ganhou o Prêmio Booker de 1982 e vendeu mais cópias do que qualquer outro vencedor anterior do Booker Prize antes ou desde então).” O livro foi publicado pela primeira vez em 1989, mas protegido por direitos autorais em 1988. Isto foi escrito em 1990 na edição Coronet (Hodder & Stoughton) de *Rumo a Asmara*, muito antes que o romance de 1982 fosse transformado em um filme por Spielberg, renomeado *A Lista de Schindler*, e apresentado ao mundo inteiro como pura e simples verdade (a Ford Company, entre outras) como não ficção, o que não é. Keneally desenvolveu uma técnica de tomar emprestados fatos da ficção para criar ficção. Neste livro sobre a Guerra da Eritreia, escrito depois de o autor de fato ter ido à Eritreia e ao Sudão, ele insiste em negar a realidade de seus retratos. Ele diz: “Eles meramente figuram como os autores pobres e símiles para aqueles povos.” (p. 11) A expressão é boa e poderia ser estendida muito além do romance de Keneally: *símiles para aqueles povos*, POBRE SIMULACRA... (O último parágrafo foi copiado de: *Le temps irréparable*, abbc.com/aaargh/fran/revu/T197/T1971001.html)

57 *Film & TV Kameramann* n° 2/1994, pp. 24 e segs., esp. a declaração do diretor de fotografia-chefe J. Kaminski, p. 27.

pérvido nesse filme é que, sempre que soldados alemães ou oficiais da SS dão ordens, gritam e berram e se envolvem em qualquer tipo de violência, isso não é mostrado em inglês nem em qualquer outro idioma em que o filme é dublado, mas em alemão. Desse modo, o mundo inteiro é levado a sentir que os alemães são a língua dos sub-humanos cruéis. E o público alemão é o único a não perceber isso, porque, na Alemanha, *A Lista de Schindler* é dublado inteiramente em alemão. Dessa maneira, truques psicológicos dissimulados incitam os povos do mundo contra os alemães, sua língua e sua cultura, e os próprios alemães nem sequer percebem o que está acontecendo. Além disso, Spielberg esconde o fato de que o comandante do campo de concentração de Plaszow foi processado pela SS!⁵⁸

“Atos criminosos individuais — nestes casos com amplas implicações — incluíam: a adoção, por comandantes e subordinados, de uma licença para matar, encoberta pela falsificação de atestados médicos de óbito.

Conduta arbitrária, chicana, castigos corporais ilícitos, atos de brutalidade e sadismo, liquidação de cúmplices que já não eram convenientes, roubo e obtenção de lucros no mercado negro.

Todos esses delitos foram cometidos tanto isoladamente por prisioneiros quanto por integrantes da SS, a maioria, porém, em conluio entre integrantes da SS e kapos (guardas judeus de campos de concentração).

A intervenção da jurisdição da SS nos campos de concentração começou com o início de minhas investigações em julho de 1943 e durou até o fim da guerra. Ela não poderia ter começado antes, porque não havia suspeitas nesse sentido.

Foram presos os comandantes de Buchenwald, Lublin, Warschau, Herzogenbosch, Krakau-Plaszow.”

58 Declaração juramentada SS-65 do juiz da SS Konrad Morgen, IMT, vol. 42, p. 556.

IV. Propaganda com imagens: a Exposição Anti-Wehrmacht

Desde 1995, uma exposição itinerante vem percorrendo a Alemanha e a Áustria alegando mostrar os crimes da Wehrmacht, principalmente por meio de imagens.⁵⁹ Esta exposição foi patrocinada pelo multimilionário Jan Philipp Reemtsma, que desde o fim dos anos 1960 tem sido uma importante fonte de financiamento para a cena extremista de esquerda e anarquista na Alemanha. A exposição foi organizada por Johannes Heer, um ex-comunista que até hoje não esconde suas simpatias pela cena extremista de esquerda. Essencialmente, a exposição como um todo surgiu por meio das contribuições e do apoio de pessoas que se distinguiram por sua cegueira ideológica esquerdista desde as revoltas estudantis da esquerda radical do fim dos anos 1960 — como apontou o jornalista Rüdiger Proske (ele próprio integrante desses círculos).⁶⁰

No conjunto, portanto, esta exposição representa uma continuação da desinformação comunista e extremista de esquerda, cujo objetivo é destruir as raízes históricas da identidade alemã, ao mesmo tempo que fortalece a hegemonia política e cultural de seus perpetradores. Ao forçar os moderados políticos a reafirmarem repetidamente sua própria oposição aos crimes “nazistas” — pois, caso contrário, a pessoa automaticamente se tornaria suspeita de inclinações fascistas —, esses círculos extremistas de esquerda alcançam um grau de liderança de opinião e autoridade moral que foram incapazes de conquistar nas últimas décadas, em razão das enormes violações de direitos humanos cometidas pelos regimes extremistas de esquerda do Bloco Oriental.

Como destacou o cientista político Professor Knütter, o objetivo por trás desse conceito é dismantelar o antigo sistema de valores e, assim, criar um vácuo ideológico, no qual os ensinamentos socialistas, anarquistas e comunistas de salvação acabarão encontrando terreno fértil. Esse processo, afirma ele, é reforçado pelo processo paralelo de substituir

59 Hamburger Institut für Sozialforschung (ed.), *Guerra de extermínio. Crimes da Wehrmacht de 1941 a 1944*, (Guerra de extermínio. Os crimes da Wehrmacht, 1941 a 1945) Hamburger Edition, Hamburgo 1996; Inglês: Hamburg Institute for Social Research (ed.), *O Exército Alemão e o Genocídio: Crimes contra Prisioneiros de Guerra, Judeus e Outros Cíveis, 1939-1944*, The New Press, Nova York 1999.

60 Rüdiger Proske, *Contra o abuso da história dos soldados alemães para fins políticos*, Von Hase & Köhler, Mainz 1996; Proske, *Da marcha através das instituições à guerra contra a Wehrmacht*, *ibid.*, 1997.

o povo alemão por uma mistura multicultural, desprovida de qualquer identidade, mas cheia de potencial revolucionário devido aos conflitos inevitáveis e aos problemas sociais e econômicos concomitantes⁶¹.

Agora, esse pano de fundo político certamente não deve ser usado como desculpa para descartar as fotos exibidas pelos expositores como pura propaganda. Diversas investigações acadêmicas sobre a questão de como essa exposição foi organizada por von Reemtsma e Heer demonstraram que a maioria (218 de um total de 314) das fotografias, originadas sobretudo de arquivos em Moscou e Minsk, não traz qualquer informação sobre sua procedência⁶². Em outras palavras, não há pista alguma sobre quem tirou as fotografias, quando e onde, e o que exatamente elas mostram. É interessante notar, a propósito, que as fotografias apresentadas como prova dos crimes nacional-socialistas foram geralmente retiradas dos arquivos das nações pertencentes ao então Bloco Oriental comunista, que sempre teve um enorme interesse investido na exageração e exploração de crimes (reais ou meramente alegados) nacional-socialistas.⁶³ W. Strauß demonstrou que o autor de muitas fotos conhecidas foi Yevgeny Ananievich Khaldei, o

“[...] fotógrafo militar mais condecorado da agência de notícias TASS [...], que, em junho de 1941, no mais tardar, não fotografava diretamente do front, nem em seu interior próximo; um celebrado fotógrafo de primeira linha do culto à personalidade que, depois de 1945, foi recompensado por sua bravura e habilidade ao receber a incumbência de retratar aqueles que ocupavam o poder na União Soviética, incluindo Stalin.

61 Hans-Helmuth Knütter, *Die Faschismus-Keule*, Ullstein, Frankfurt/Main 1993.

62 Wolf Stoecker, “Falsificação e agitação. Observações críticas sobre a exposição ‘Guerra de extermínio. Crimes da Wehrmacht de 1941 a 1944.’”, em Joachim F. Weber (org.), *Armee im Kreuzfeuer*, Universitas, Munique 1997 (online: vho.org/D/aik/aik.html).

63 Cf. também os autores citados neste capítulo: Bergschicker, Berlim Oriental; Eschwege, Berlim Oriental; Museu Hist. Jud., Varsóvia; Kotarbinski, Varsóvia; Simonov, Moscou; muitos dos livros citados neste capítulo — muitos deles de autores decididamente radicalmente esquerdistas, e publicados por editoras de extrema esquerda ou até comunistas — vêm dessas fontes: Neumann, Desch; Schnabel, Röderberg; Schoenberger; Rütten & Löning; Jacobsen & Dollinger, Desch; Dor & Federmann, Forum (Viena); Einstein, Röderberg.

O toque brilhante de Khaldei consistia em apresentar fotos alteradas ao público soviético e internacional como instantâneos originais, e em receber rublos e Prêmios Stalin por isso.”⁶⁴

É revelador que tais fotografias, desprovidas de qualquer informação quanto à sua origem, sejam exibidas sem crítica pelos expositores, e que esses expositores não tenham se mostrado dispostos a mudar seus métodos mesmo depois de críticas públicas maciças a essa prática. A segunda maior revista semanal da Alemanha, *Focus*, atacou repetidamente a exposição por legendar incorretamente as fotografias exibidas, e acusou os responsáveis de falsificações e mentiras, uma vez que, afinal, eles haviam alegado que uma foto que na verdade mostrava judeus se despindo para um banho era a “*cena de uma execução em massa*”, haviam alardeado outra foto cujo conteúdo era incerto como um “*crime da Wehrmacht*”, e se recusaram a corrigir essas deturpações mesmo depois que seu erro havia sido comprovado⁶⁵. O interessante a respeito do primeiro caso é que os expositores haviam retirado a legenda falsa de um livro⁶⁶ cujo coeditor é Willy Dreßen, hoje chefe do Escritório Central das Administrações Judiciais Provinciais em Ludwigsburg, um homem que também está encarregado da perseguição de supostos crimes nacional-socialistas. Mesmo que Dreßen, que já vinha trabalhando no Escritório Central na época da publicação do livro, devesse ter tido conhecimento do curso real dos acontecimentos, ele apoiou a legenda incorreta. Admitidamente, isso não surpreende aqueles “por dentro”, já que, afinal, os vínculos ideológicos entre a pretensão profissional dos “caçadores de nazistas” no Escritório Central e os antifascistas profissionais radicais de esquerda sempre foram estreitos.

Examinemos com mais detalhe apenas uma fotografia que é exibida publicamente repetidas vezes como prova dos crimes da Wehrmacht. A Ilustração 22 mostra a execução de guerrilheiros diante do muro do cemitério da aldeia sérvia de Pančevo. Essa fotografia também é exibida

64 W. Strauß, “*Es war einmal ein Fotograf*”, *Staatsbriefe* 8(11-12) (1997), pp. 6f. (online: vho.org/D/Staatsbriefe/Strauss2_8_11_12.html)

65 *Focus*, nº 16 & 17/1997, 6/1998.

66 E. Klee, W. Dreßen, V. Rieß (org.), “*Schöne Zeiten*”, *Judenmord aus der Sicht der Täter und Gaffer*, S. Fischer, Frankfurt/Main 1988, p. 77.

como parte da exposição anti-Wehrmacht. Essa execução chegou até a ser filmada por um correspondente de guerra alemão. O filme foi exibido na televisão alemã em abril de 1997 como prova dos crimes cometidos pela Wehrmacht⁶⁷. Ora, já é improvável que as autoridades militares responsáveis tivessem permitido que um repórter documentasse um crime de guerra abertamente e com tamanho nível de detalhe (e o mesmo, é claro, vale para todos esses documentos). O que a exposição anti-Wehrmacht, assim como a transmissão televisiva, silenciou, porém, é o fato de que a fotografia na verdade mostra a execução de uma sentença proferida por uma corte marcial alemã regular contra guerrilheiros que haviam sido condenados à morte por ataques assassinos contra soldados alemães. Portanto, segundo a lei marcial em vigor tanto naquela época quanto hoje, essa execução não é um crime, mas sim um meio judicial de guerra permissível. O acontecimento é, reconhecidamente, cruel, mas afinal essa é a característica central de qualquer guerra. Assim, o crime não deve ser buscado na execução, mas nas razões que levaram àquela guerra.

Na Alemanha, o debate sobre a exposição anti-Wehrmacht, claramente conduzido com objetivos extremistas de esquerda, resultou não apenas em expor a rede de ideólogos esquerdistas na Alemanha que praticamente monopolizaram para si mesmos a historiografia do Terceiro Reich.⁶⁸ Outra consequência foi que historiadores



Ilustração 22: Execução de partisans em Pandewo (Sérvia), falsamente retratada como um crime.

contemporâneos estão dispostos, pela primeira vez em mais de 50 anos, a analisar criticamente e questionar a autenticidade de documentos que supostamente comprovam alegados crimes nacional-socialistas. Nesse

67 Hamburger Institut für Sozialforschung (org.), *op. cit.* (nota 59), p. 30.

68 *Focus-TV*, Pro7, 13.4.1997; cf. *Abendzeitung* (Munique), 4.4.1997.

contexto, deve-se fazer menção especial ao Professor Dr. Dr. Klaus Sojka, que submeteu as imagens da exposição de Reemtsma a uma crítica detalhada e devastadora, complementando essas imagens com muitas outras e analisando-as de forma abrangente sob a perspectiva da crítica documental⁶⁹. O Prof. Franz W. Seidler estabeleceu uma espécie de contraponto a todo esse debate ao publicar os arquivos apenas recentemente redescobertos do Departamento de Crimes de Guerra da Wehrmacht⁷⁰, que documentaram, com grande cuidado e em detalhe, os crimes cometidos contra soldados alemães durante a campanha oriental:

“Este livro é uma resposta à exposição ‘Guerra de Extermínio. Os Crimes da Wehrmacht, 1941 a 1945’ [...].

Ao contrário da exposição anti-Wehrmacht, esta documentação das atrocidades soviéticas em tempos de guerra não deixa espaço



Ilustração 23: Canibalismo russo de soldados alemães capturados no outono de 1941: “Cadáveres estripados no Campo 2 do Stalag 305”. Documento fotográfico referente ao Caso 304, F. W. Seidler, op. cit., p. 363.

para falsificações, textos enganosos e alegações arbitrárias. – Todos os eventos estão documentados. – As informações relativas a lugares e datas são inequívocas. – As imagens não são fotografias privadas, mas provas jurídicas e médicas. – Os documentos textuais não foram alterados. – A maioria dos documentos é corroborada por outras evidências que pesquisadores podem examinar. – A redação dos documentos textuais

⁶⁹ Klaus Sojka (org.), *Die Wahrheit über die Wehrmacht. Reemtsma Fälschungen widerlegt*, FZ-Verlag, Munique 1998, pp. 90f. Até hoje, este livro é o ponto alto científico no debate sobre a suposta documentação fotográfica de crimes alemães, e é, portanto, indispensável para qualquer pessoa interessada no tema.

⁷⁰ Cf. A.M. de Zayas, *Die Wehrmachtsuntersuchungsstelle*, 4ª ed., Ullstein, Frankfurt/Main/Berlin 1984.

pode ser verificada no Arquivo Federal / Arquivo Militar em Freiburg, sob a cota RW 2/v.147-v.152.”⁷¹

De fato, alguns dos crimes descritos são suficientes para gelar o sangue do leitor; por exemplo, as muitas fotos que documentam casos de canibalismo russo de soldados alemães, cf. ilustração 23. É preciso uma documentação desse tipo para realmente deixar claro que guerra suja a atitude bárbara de Stalin e de seus camaradas obrigou os alemães a travar.⁷²

Um artigo particularmente interessante foi escrito pelo jovem historiador Walter Post, cujo relato revela tendências revisionistas em muitos aspectos, e conclui com uma espécie de balanço:

“Em um ensaio no livro que acompanha a exposição ‘Guerra de Extermínio. Os Crimes da Wehrmacht’, Alfred Streim [procurador público do Escritório Central das Administrações Judiciais Provinciais em Ludwigsburg] afirmou que, desde que o Escritório Central foi criado em 1958, cerca de 3.000 procedimentos preliminares foram instaurados na República Federal da Alemanha contra membros da Wehrmacht — em outras palavras, 3.000 soldados da Wehrmacht foram suspeitos de ter participado de crimes nacional-socialistas de guerra.

Se considerarmos que aproximadamente 18 milhões de homens e mulheres pertenceram à Wehrmacht, então 3.000 acusados constituem 0,017% de todo o efetivo. Mesmo que se presuma, de modo absolutamente hipotético, que tenha havido uma taxa muito elevada de 90% de casos não denunciados ou não detectados, e portanto um total de 30.000 possíveis suspeitos, isso ainda equivale a apenas 0,17%. Aliás, dos 3.000 procedimentos preliminares na República Federal da Alemanha, apenas dois(!) resultaram em condenação. Na antiga República Democrática Alemã, houve um total de oito condenações de ex-membros da Wehrmacht.

Assim, estudos quantitativos também mostram que a lenda da ‘Wehrmacht decente’ não é necessariamente uma lenda.”⁷³

71 Franz W. Seidler, *Verbrechen an der Wehrmacht*, Pour le Mérite, Selent 1998, pp. 5f.

72 Cf. também J. Hoffmann, *A Guerra de Extermínio de Stalin 1941 – 1945*, Theses & Dissertations Press, Capshaw, AL, 2001.

73 W. Post, “A Wehrmacht na Segunda Guerra Mundial. Exército entre regime e guerra total”, em Joachim F. Weber (org.), *op.cit.* (nota 62) (online: vho.org/D/aik/Post.html)

Por fim, no fim de 1999, pouco antes de essa exposição seguir para a América, ela foi temporariamente cancelada, depois que três estudiosos comprovaram, em estudos detalhados, que a maioria das fotografias estava legendada incorretamente, apenas 10% delas supostamente mostrando crimes. Algumas das peças expostas na verdade mostram vítimas de assassinatos cometidos pelo NKVD soviético.⁷⁴ Consequentemente, Johannes Heer perdeu seu posto como responsável por essa exposição, e alguns dos historiadores mais renomados da Alemanha recomendaram suspender sua realização sem substituição.⁷⁵ Em um estudo minucioso, Walter Post demonstrou recentemente que essa exposição não está apenas tentando fundamentar a hipótese “correta” (“*Guerra de Extermínio. Os Crimes da Wehrmacht*”) com algumas fotografias erradas, como afirmam alguns historiadores, mas sim que a própria hipótese é maciçamente falha.⁷⁶

Esses escritos parecem ter quebrado um feitiço que paralisou a historiografia alemã por mais de 50 anos e impediu os historiadores de cumprir seu principal dever, isto é, submeter suas fontes à análise crítica. Em suma, portanto, e falando não apenas de uma perspectiva acadêmica, a exposição de Reemtsma revelou-se um desastre difícil de superar.

V. Adendo

Repetidas vezes, alguns grandes jornais ou outros meios de comunicação revelam falsificações, por exemplo a fotomontagem da sinagoga supostamente em chamas na Oranienburger Straße, em Berlim. Essa foto é uma das imagens mais difundidas sobre os pogroms de

74 Bogdan Musial, “Imagens de uma exposição. Observações críticas sobre a exposição itinerante “Guerra de extermínio. Crimes da Wehrmacht 1941-1944””, *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte*, 47(4) (1999), pp. 563-591; cf. Bogdan Musial, “Elementos contrarrevolucionários devem ser fuzilados”, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 30 de out. de 1999, p. 11; Krisztián Ungváry, “Imagens autênticas — declarações problemáticas”, *Geschichte in Wissenschaft und Unterricht*, 50(10) (1999), pp. 584-595; cf. Krisztián Ungváry, “As lendas de Reemtsma”, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 5 de nov. de 1999, p. 41; Dieter Schmidt-Neuhaus, “O painel de Tarnopol da exposição itinerante “Guerra de extermínio — Crimes da Wehrmacht de 1941 a 1944””, *ibid.*, pp. 596-603.

75 P. ex., Klaus Hildebrandt, Hans-Peter Schwarz, Lothar Gall, cf. “Críticos exigem fechamento definitivo”, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 6 de nov. de 1999, p. 4; Ralf Georg Reuth, “Fim definitivo para a mostra de Reemtsma?”, *Welt am Sonntag*, 7 de nov. de 1999, p. 14.

76 Walter Post, *O exército caluniado*, Pour le Mérite, Selent 1999.

novembro de 1938 na Alemanha contra os judeus. Não há dúvida de que o incêndio criminoso de várias sinagogas na Alemanha de fato ocorreu naquele período, mas, como obviamente nenhuma foto realmente boa pôde ser apresentada para isso, pessoas desconhecidas decidiram, pouco depois da guerra, manipular uma foto tirada em 1948 da conhecida sinagoga na Oranienburger Straße, em Berlim. Já em 1990, o autor Heinz Knobloch afirmou ter comprovado essa fabricação⁷⁷, mas não conseguiu dizer quem era o culpado. A questão permaneceu assim até 1998, quando um certo Kurt Wernicke revelou o culpado. Segundo informações que obtive de um antigo especialista em exposições, a foto original provavelmente foi manipulada por Klaus Wittkugel, um antigo especialista em fotomontagens (ilustração 24).⁷⁸



⁷⁷ Heinz Knobloch, *O corajoso chefe de distrito. Coragem civil incomum no Hackeschen Markt*, Morgenbuch-Verlag, Berlim 1990.

⁷⁸ *Berliner Morgenpost*, 10 de out. de 1998, p. 9.

Em 1999, o Simon Wiesenthal Center publicou a ilustração 25b em seu site com a seguinte legenda:⁷⁹

“Enquanto esses prisioneiros estavam sendo processados para o trabalho escravo, muitos de seus amigos e familiares estavam sendo gaseados e queimados nos fornos dos crematórios. A fumaça pode ser vista ao fundo.”

Não se vê fumaça alguma na foto original, tirada no campo de concentração de Birkenau na primavera de 1944 (*ilustração 25 a*).⁸⁰ Aparentemente, os propagandistas do Holocausto, de segunda geração, conseguem realizar com a tecnologia atual de programas de computador aquilo que seus predecessores só podiam imaginar. Com uma pequena ajuda de “photoshop”, qualquer documento pode ser feito para confirmar qualquer coisa que uma “testemunha ocular” queira que ele confirme. Neste caso, as chaminés fumegantes. (In)felizmente, eles escolheram um poste de cerca, em vez de uma chaminé, como fonte da “fumaça” acrescentada.



Ilustração 25a e b: À esquerda, o original; à direita, a falsificação do Centro Simon Wiesenthal: Fumaça saindo de um poste de cerca.

Nenhuma pesquisa minuciosa está sendo feita a respeito da questão: essas fotografias que supostamente comprovam a perseguição nacional-socialista aos judeus são autênticas? Depois de 55 anos, essa questão permanece sem resposta e continuará assim, tendo em vista o fato de que estudiosos que realizam tais pesquisas estão sendo perseguidos. Não obstante, algumas falsificações são reveladas de modo mais ou menos

⁷⁹ <http://motlc.wiesenthal.com/gallery/pg22/pg0/pg22035.html>; cf. VfG 3(2) (1999), p. 240. Salvamos a página inteira em vho.org/News/D/SWCForgery.html, caso o SWC a remova.

⁸⁰ S. Klarsfeld, *O Álbum de Auschwitz*, Beate Klarsfeld Foundation, Nova York 1978, nº 165.

incidental: essa não é razão suficiente para sermos céticos quanto à autenticidade dessas fotos todas juntas?

VI. Em vez de uma conclusão: algumas fotos menos conhecidas, mas autênticas

Por fim, deve-se notar que está bem documentado e é amplamente aceito que soldados norte-americanos fizeram lembranças a partir de ossos de soldados japoneses mortos (*ilustração 26*, próxima página), um crime do qual aparentemente se orgulhavam e que nunca se provou ter sido cometido por soldados alemães.⁸¹

O *Grupo de Ilustrações 27* (página 267) mostra vítimas do Holocausto de civis alemães nas áreas residenciais de cidades alemãs que foram deliberadamente bombardeadas pelos Aliados.⁸² Ao todo, cerca de um milhão de alemães inocentes, em sua maioria crianças, mulheres e idosos, morreram assim em consequência do bombardeio terrorista aliado na Alemanha.⁸³ Há um mundo de diferença entre essas fotos e aquelas de vítimas emaciadas da fome e do tifo em campos de concentração alemães.

Como o Prof. Robert Faurisson colocou em 1992,⁸⁴ a principal diferença entre as vítimas dos campos alemães de prisioneiros de guerra e de concentração e as vítimas alemãs dos ataques aéreos aliados e das atrocidades do pós-guerra cometidas por forças aliadas e autoridades das nações libertadas é que os prisioneiros nos campos alemães *morreram principalmente por causa do colapso da infraestrutura alemã devido à guerra*, enquanto os alemães *foram mortos em massa* pelos Aliados e pelas nações “libertadas”, isto é, pelos sérvios, pelos tchecos e pelos poloneses.

81 John W. Dower, *Guerra sem Misericórdia*, Pantheon Books, Nova York 1986; cf. E.L. Jones, *The Atlantic Monthly*, fevereiro de 1946, pp. 48-53, aqui pp. 49f.; cf. U. Walendy, *Historische Tatsachen*, n° 68: “Crimes de guerra norte-americanos” (*US-American War Crimes*), Verlag für Volkstum und Zeitgeschichtsforschung, Vlotho 1995) e, mais recentemente: *Crimes de Guerra Aliados e Crimes contra a Humanidade*, 2ª ed., Arndt, Kiel 1997.

82 Morale Division, U. S. Strategic Bombing Survey, Medical Branch Report, *O Efeito do Bombardeio sobre a Saúde e os Cuidados Médicos na Alemanha*, War Department, Washington, D.C., 1945, pp. 17, 21, 23. Somos gratos a F. P. Berg por fornecer esta referência.

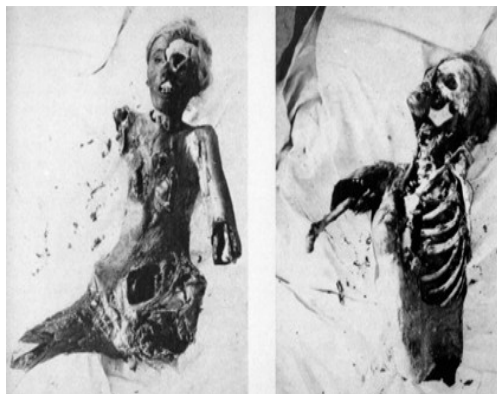
83 Cf. D. Irving, *E as cidades da Alemanha não morreram*, Weltbild Verlag, Augsburg 1989, p. 373; cf. M. Czesany, *Europa na guerra de bombardeios 1939-1945*, Leopold Stocker, Viena 1998.

84 R. Faurisson, “A lição das fotografias”, *Révue d’Histoire Révisionniste*, n° 6, maio de 1992, pp. 62-68.

Assim, o verdadeiro Holocausto aconteceu nas cidades alemãs durante a guerra e por toda a Alemanha depois da guerra.



Ilustração 26: *Life magazine*, 22 de maio de 1944, p. 34f.: “Foto da semana. Quando se despediu, dois anos atrás, de Natalie Nickerson, 20 anos, uma trabalhadora de guerra de Phoenix, Arizona, um grande e belo tenente da Marinha prometeu-lhe um japa. Na semana passada, Natalie recebeu um crânio humano, autografado por seu tenente e 13 amigos, e com a inscrição: ‘Este é um bom japa — um morto recolhido na praia da Nova Guiné.’ Natalie, surpresa com o presente, deu-lhe o nome de Tojo. As forças armadas desaprovam fortemente esse tipo de coisa”.



Grupo de Ilustrações 27: Vítimas civis alemãs dos ataques de bombardeio aliados. Carga lançada: 2.767.000 toneladas. Apenas alguns casos de cerca de um milhão de vítimas alemãs do Holocausto. Tende-se a esquecer que o destino dos alemães comuns, soldados e civis, às vezes foi ainda pior do que o das centenas de milhares de internos em campos de prisioneiros de guerra e de concentração.



1939 – 1945

